

Juventude negra, pertencimento e criação musical: análise do projeto de extensão “Hip Hop de Dentro pra Fora” realizado com estudantes de Ensino Médio Integrado da rede Federal à luz da Pedagogia Hip Hop

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Música e Pensamento Afrodiaspórico

Djenane Vieira
djenane_vieira@ifba.edu.br

Resumo. As práticas músicas que contemplam as culturais juvenis, sobretudo em espaço escolar institucionalizado (ANDRADE, 1999; SOUZA, 2011, AMARAL, 2018; DIAS, LIMA, SANTOS, 2024) tem cooperado para a compreensão da potência educacional da cultura Hip Hop e tem crescido exponencialmente as produções sobre a Pedagogia Hip Hop na Brasil e no Mundo. Este trabalho versa sobre uma experiência educativa com estudantes do Ensino Médio Integrado da rede Federal resultando de um projeto de extensão denominado “Hip Hop de Fora pra Dentro” O projeto teve como objetivo a integração *hip-hopppers* da cidade de Juazeiro-BA, com estudantes da instituição, através da proposta de oficinas dos elementos do Hip Hop, em especial de MC e DJ. Com adesão voluntária, o projeto teve excelente aceitação por parte da comunidade estudantil, que, a partir das oficinas, se viram protagonistas de um processo educacional que rompeu com as normativas dos currículos tradicionais no ensino de Artes. A efetiva participação desses/dessas estudantes garantiu uma produção musical surpreendente e a afirmação de identidades negras com a prática de um gênero musical afrodiaspórico. O projeto também promoveu a inclusão de estudantes atendidos pelo Núcleo de Apoio a Pessoa com Necessidades Específicas (NAPNE), que a todo momento se sentiram parte integrante das oficinas e foram acolhidos pelosicineiros e demais estudantes. O caráter educativo do Movimento Hip Hop proporciona inúmeros benefícios como: o protagonismo juvenil, a sociabilidade, a promoção do bem estar, a inclusão e a criatividade musical. O projeto foi contemplado com fomento da Pró-Reitoria de Extensão via edital e culminou em uma apresentação dos resultados das oficinas de música e dança (*breakdance*).

Palavras-chave. Educação Musical, Pedagogia Hip Hop, Identidade Afrodiaspórica, Negritude, Pertencimento.

Title. Black Youth, Belonging, and Musical Creation: an Analysis of the Extension Project 'Hip Hop from Outside to Inside' Carried out with Integrated High School Students from the Federal School in light of Hip Hop Pedagogy

Abstract. Musical practices that encompass youth cultures, especially in institutionalized school spaces (ANDRADE, 1999; SOUZA, 2011, AMARAL, 2018; DIAS, LIMA, SANTOS, 2024), have contributed to the understanding of the educational power of Hip



Hop culture and have exponentially increased the productions on Hip Hop Pedagogy in Brazil and worldwide. This work discusses an educational experience with Integrated High School students from the Federal network resulting from an extension project called 'Hip Hop from outside to inside'. The project's goal was to integrate hip-hoppers from the city of Juazeiro-BA, with students from the institution, through the proposal of workshops on the elements of Hip Hop, particularly MC and DJ. With voluntary participation, the project received excellent acceptance from the student community, who, through the workshops, became protagonists of an educational process that broke with the norms of traditional curricula in Art education. The effective participation of these students ensured a surprising musical production and the affirmation of Black identities through the practice of an Afro-diasporic musical genre. The project also promoted the inclusion of students served by AEE, who consistently felt like integral parts of the workshops and were welcomed by workshop facilitators and fellow students. The educational character of the Hip Hop Movement provides numerous benefits such as sociability, promotion of well-being, inclusion and creativity. The project received financial support from the Pro-Rectorate of Extension and culminated in a presentation of the results of the music and dance (break) workshops.

Keywords. Music Education, Hip Hop Pedagogy, Afrodiasporic Identify, Blackness, Belonging

Contextualizando

O Ensino Médio Integrado é uma realidade dos Institutos Federais (IFs) no Brasil desde 2008 com a lei 11.892 (BRASIL, 2008) e surgem como política pública e “assumem seu verdadeiro papel social, contribuindo para uma sociedade menos desigual, mais autônoma e solidária” (BRASIL, 2010), aliando os estudos regulares com o conhecimento profissional e técnico. Nos IFs os/as estudantes cursam as disciplinas propedêuticas concomitante às disciplinas do eixo técnico. No campus onde atuo, na cidade de Juazeiro, a disciplina de Artes é oferecida apenas no 1º ano. Para além desse dado, cada campus do IFBA possui um Núcleo de Arte e Cultura (NAC), que tem como uma das suas diretrizes “promover atividades culturais para a comunidade acadêmica, com ênfase na produção local” (IFBA, 2022). Em Março de 2024, fui designada, via portaria do Ministério da Educação, para a coordenação deste Núcleo, composto por docentes e estudantes, voluntários, e, desde então, o NAC.JUA tem promovido inúmeras atividades culturais e projetos que visam promover o crescimento intelectual da comunidade acadêmica por meio de vivências culturais e das práticas artísticas. No ano de 2024, submetemos um projeto de extensão propondo uma integração entre artistas da cultura Hip Hop local e a comunidade acadêmica, para edital específico para os NACs. Após sermos



contemplados com fomento deste edital, desenvolvemos o projeto em distintas etapas entre 2024 e 2025.

A importância da extensão em instituições de ensino é aproximar a sociedade das produções acadêmicas, contudo, a extensão também permite que haja troca de saberes entre a comunidade externa e a comunidade acadêmica. Sendo assim, este projeto propiciou uma oportunidade nunca vista no campus: diálogo entre fazedores de cultura locais (os quais se descobriram educadores com o projeto) e a comunidade estudantil.

Embora o projeto tivesse sido oportunizado a toda comunidade acadêmica, apenas estudantes se inscreveram via formulário publicado nas redes sociais do NAC.JUA. Faz-se necessário pontuar que houve uma consulta prévia sobre o interesse na aplicação de um projeto dessa natureza e houve grande interesse por parte dos estudantes e servidores.

Cerca de 80 estudantes participaram das oficinas. Não houve um alcance maior devido aos Jogos Internos, os quais ocorreram no mesmo período de execução do projeto. Os Jogos Internos são a prévia dos Jogos Estudantis Municipais e Estaduais. A adesão poderia ter sido maior, mas ainda assim contemplou um número significativo de estudantes em todas as oficinas.

Como o projeto era de Hip Hop, os 4 elementos foram oferecidos para os inscritos: Grafite, DJ, MC e *Breakdance*. Cada oficina era ministrada por um artista do coletivo e tinha um membro do NAC como monitor(a), dando suporte aos estudantes eicineiros. No dia do início das oficinas, o grafiteiro contratado para ministrar as oficinas não compareceu e eu fiquei responsável em ministrar a oficina de grafite durante todos os dias do projeto, ainda assim, consegui acompanhar as oficinas de Música que foram ministradas no auditório da instituição, após o horário da minha oficina e da oficina de breakdance. Neste relato vou concentrar minhas reflexões e análises sobre as oficinas de DJ e MC.

Saindo do sudeste brasileiro, em meio ao sertão nordestino, o Hip Hop ganha um novo sotaque, confirmando que, por ser uma cultura contemporânea da diáspora africana e constantemente em trânsito, se adequa a todas as regiões e territórios onde suas práticas artísticas estão inseridas. Carin C. Gomes, geógrafa que estuda há quase 20 anos a ocupação de territórios urbanos por jovens do movimento Hip Hop, conta sobre uma iniciativa de três jovens de distintas formações acadêmicas que, por meio de bases *open source*, fundaram um precioso recurso e abrigo informacional: o mapa brasileiro da cultura Hip Hop (GOMES, 2020).



Nessa plataforma concentram-se produções de diferentes artistas de rap do Brasil, desde Manaus, até Porto Alegre. Desse modo, é possível compreender como, mesmo em lugares tão remotos, podemos ter a experiência de ouvir a música do “Racionais MC’s”, por exemplo, tocando na caixa de som de alguém. Podemos também ter acesso à produção daquele que talvez seja o mais expressivo grupo de rap indígena do país, o “Brô MC’s”, do Mato Grosso do Sul. Do Ceará, podemos encontrar a produção do “RAPadura Xique-Chico”, jovem rapper que traz elementos da musicalidade nordestina como o repente, o baião, o xaxado e o forró com as batidas do rap. De Feira de Santana, Bahia, temos a rapper “Duquesa”, com uma contundente obra tem chamado a atenção de produtores dos grandes festivais internacionais.

Para compreendermos ainda mais o alcance da cultura Hip Hop no mundo, recentemente circulou pelas redes sociais, o registro de um grupo de adolescentes praticando *breakdance* em meio aos escombros na Faixa de Gaza, em decorrência da guerra contra Israel, portanto, não seria espantoso encontrar manifestações da cultura Hip Hop e produções de *hip-hoppers* locais no Vale do São Francisco.

Para esse projeto, buscou-se em meio às redes sociais, coletivos que estivessem em atividade na cidade. Após um considerável período de tentativas de contato, um dos grupos respondeu a mensagem e iniciamos diálogo para possível parceria para execução do projeto. A ideia inicial era ter oficinas de diferentes grupos para não centralizar o fomento financeiro em um único coletivo, contudo, como apenas o coletivo “874 Na Cena” respondeu às mensagens, fechamos a parceria com eles.

Identidade negra, batidas e rimas no espaço escolar

As produções intelectuais existentes no Brasil sobre Hip Hop e Educação Musical¹, trazem uma gama de experiências práticas e estudos que provam a eficácia do caráter educacional do Hip Hop². Inúmeros estudos no campo da Pedagogia/Educação tais como: Andrade, (1999); Souza, (2011); Amaral, (2016, 2018); Dias, Lima, Santos (2024); Dias (2019) entre tantos outros, também contribuem para o escopo das produções e discussões sobre um

¹ Nos anais deste evento, neste mesmo ST, consta também com uma pesquisa feita por mim com revisão de literatura sobre as publicações sobre Hip Hop e Educação Musical entre 2000 e 2024.

² Nessa mesma pesquisa, num total de 48 publicações, apenas 3 trabalhos discutem raça, gênero e classe, mostrando que, mesmo com avanços consideráveis nas discussões sobre decolonialidade, racismo epistêmico e outros assuntos importantes, negritude e identidade ainda são temas emergentes.



campo de estudos denominado nos Estados Unidos como *Hip Hop Studies*. Tais estudos abarcam também o *Hip Hop Education* e o *Hip Hop Pedagogy*, portanto, não se trata de um interesse recente. Já na década de 1990, estudiosos do Hip Hop identificaram a força educacional que esta cultura possui, promovendo não apenas o Conhecimento, considerado o 5º elemento, mas também o reforço de identidades afrodiaspóricas.

Os jovens negros inseridos nessa cultura compreendem que ali podem se sentir pertencentes a um universo cultural que os represente. Entende-se por Pedagogia Hip Hop:

o conjunto de experiências relacionadas às histórias e às práticas culturais que nos foram negadas com base nas atividades realizadas a partir dos elementos que formaram a cultura Hip-Hop – Breaking, Graffiti, DJ, MC, funcionando como disparadores de conhecimentos para que os jovens (re)elaborem suas identidades ao mesmo tempo em que nos possibilita a construção de uma reflexão sobre a cultura do racismo e das violências que recaem sobre o corpo negro (DIAS, 2019).

Marc Lamont Hill, um dos principais nomes dos estudos sobre Pedagogia Hip Hop, defende que abordagens pedagógicas que utilizam a cultura Hip Hop podem ser uma ferramenta eficaz para envolver os/as estudantes e melhorar o processo de ensino/aprendizagem e a formação da identidade de jovens negros, principalmente em ambientes urbanos. Seus estudos destacam como o Hip Hop pode contribuir para a formação do desenvolvimento do pensamento crítico e a valorização da cultura dentro da sala de aula (2014, p.44). WEI (et. al) também consideram que a Pedagogia do Hip Hop “incorpora de forma autêntica e prática, os elementos criativos do Hip Hop no ensino escolar e convida os alunos a terem uma conexão com o conteúdo por meio de suas realidades e experiências (2023, s.p.). Sendo assim, o ponto em comum entre os estudos sobre Pedagogia Hip Hop é que as práticas artísticas valorizam os indivíduos envolvidos, reforçando identidades e saberes emergidos dessas práticas.

Ainda corroborando com a ideia de Hip Hop enquanto prática educativa, Allen (2024) ressalta que o Hip Hop, desde sua origem, é mais do que Música:

é um movimento cultural complexo, que engloba Dança, Artes Visuais, performance e narrativas sociais. Como pedagogia, ele se apresenta como um instrumento de conscientização crítica, profundamente enraizado em experiências negras e latinas nas periferias urbanas (Allen, p.67).



Dias, Lima, Santos (2024) confirmam, por meio do projeto “Pedagogias da Geração Hip Hop e Culturas Juvenis nas Escolas”, desenvolvido em escolas públicas de São Paulo com apoio do **Geledés Instituto da Mulher Negra**, como instituições ligadas ao movimento negro tem seu caráter educador, pois o projeto “buscou dialogar com estudantes e profissionais da Educação Básica sobre as pedagogias das culturas juvenis urbanas” (p.10). Iniciativas de movimentos negros estruturados, desde o antes e pós abolição, visam acolher, ensinar e promover a cultura para seu povo, assim como os Clubes Negros, que desempenharam esse papel no final do Sec. XIX e ainda hoje ainda mantém essa essência. Podemos citar como outro exemplo de movimento negro educador, os blocos afros, sobretudo em Salvador, cujas práticas culturais de origem afro-brasileira se desdobraram em práticas educacionais, salvaguardando não apenas a herança cultural ancestral, mas também os saberes musicais e filosóficos.

Práticas educacionais que reforçam identidades negras rompem com a lógica eurocêntrica dos cânones curriculares e promovem o direito de crianças e jovens não brancos exercerem sua cidadania, quando percebem que manifestações culturais próximas de suas realidades são contempladas (GOMES, 2017). Contudo, a autora questiona: “Para que os saberes constituídos pela comunidade negra e sistematizados pelo Movimento Negro ocupem um lugar na escola e na produção do conhecimento, bastaria somente uma mudança na estrutura do currículo e nas políticas educacionais?” (p.53). A resposta mais óbvia para essa pergunta é: Não! Embora a lei 10.639/03 e a lei 11.645/08 existam como políticas públicas a fim de garantirem que a história e os saberes dos demais povos que compõe a nação sejam contemplados em sala de aula, os sistemas de ensino não são fiscalizados e muito menos há vontade política de que esses saberes sejam propagados e ainda prevalecem os saberes eurocentrados.

Muitas iniciativas de educadores em todo o Brasil apontam para a efetivação da lei 10.639/03, ainda que sem apoio da gestão escolar, contudo, professores e professoras têm sido perseguidos, agredidos e denunciados³⁴⁵ por uma porção da população com viés

³ <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/professora-denuncia-ter-sido-apedrejada-por-intolerancia-religiosa-na-bahia/>

⁴ <https://oglobo.globo.com/rio/professora-denunciada-por-pai-de-aluno-por-passar-filme-sobre-cultura-negra-22797890>

⁵ <https://www.geledes.org.br/professora-a-senhora-e-evangelica-e-conhece-a-historia-da-africa/>



fundamentalista religioso com apoio da bancada evangélica nas diferentes instâncias do poder público.

Práticas Musicais no Projeto

Como já mencionado, este trabalho concentra suas reflexões nas práticas de ensino musical do projeto “Hip Hop de Fora pra Dentro”. Para a oficina de rima, contratamos os MCs Cjota 74 e Mano Vulto e para a oficina de DJ, contratamos o SP 087. Aqui vale uma observação importante sobre a concepção de DJ para o coletivo de Hip Hop parceiro e para o próprio MC contratado: O equipamento utilizado para a reprodução das batidas não era um equipamento de discotecagem, como toca-discos (*turntables*) e mixer e sim, um pc acoplado a um sistema de som, de modo que os estudantes não conseguiriam manusear a aparelhagem como um DJ de Hip Hop faz e nem aprender as manobras clássicas, como o *scratch*, como era a proposta inicial do projeto. O conceito de DJ, nesse caso, era o de “produtor musical”, sobretudo o produtor de *trap*. Ainda assim, a parceria e a oficina ocorreram de forma interessante e prazerosa para os/as estudantes. O produtor musical aliou-se aos dois MCs para produzir as canções elaboradas pelos próprios estudantes e também pelas canções elaboradas em conjunto com os MCs.

Nessa perspectiva de criação musical, os MCs cumpriram seu papel deicineiros, uma vez que, ao compartilharem seus modos de compor e criar suas rimas, permitiram aos/as estudantes experienciar várias possibilidades do fazer criativo. Os MCs envolvidos também proporcionaram batalhas de rimas com estudantes que estavam inscritos, mas também com aqueles que não se inscreveram e só conseguiram participar de ao menos um dia de projeto, por causa dos Jogos Internos. O prazer na participação era visível. A satisfação em se compreenderem protagonistas do processo, permitiram a esses estudantes uma nova concepção do fazer artístico musical no ambiente escolar, fortalecendo laços de amizade e de companheirismo.

A dinâmica da oficina de MC iniciava com apresentação musical dos MCs e após a apresentação, eles explicavam como era o processo de composição musical de cada um, tanto da letra quando da batida. Após esse primeiro momento, eles apresentavam possibilidades de rima, fazendo um exercício de palavras com os estudantes. A ideia era aumentar as possibilidades de rima para os estudantes diante do banco de palavras criado para esse exercício.



Os estudantes então passavam a criar versos tendo a opção de usar tais palavras. Uma boa quantidade dos estudantes que se inscreveram para a oficina de MC eram estudantes que já tinham alguma familiaridade com versos e com o canto ou mesmo com as batalhas de rima. Na oficina, os que já tinham familiaridade potencializavam seus conhecimentos e os que nunca haviam participado antes, tinham a oportunidade de viver uma nova experiência artística.

Os novos MCs e B-girls do pedaço

A culminância do projeto deu-se num show no auditório da instituição para apresentar as produções dos estudantes em parceria com os MCs e com o DJ/Produtor Musical, uma vez que este, produziu os *beats* das músicas criadas nas oficinas. Três estudantes apresentaram suas músicas, com produção do “DJ”. Uma estudante, compôs uma música em conjunto com os dois MCs e apresentaram pra plateia, numa emocionante performance. Embora visivelmente tímida, a estudante apresentou sua obra e foi ovacionada por todas as pessoas presentes.

Mas o ponto alto do evento foi a participação de um estudante que é acompanhado pelo Núcleo de Atendimento Pedagógico Especializado. Esse estudante esteve sempre atento em todas as oficinas de rima, sempre observando e ouvindo as rimas, mas não queria “duelar” com os colegas, preferia apenas assistir e ouvir os outros colegas duelarem.

Eis que no dia do evento, sem que ninguém esperasse, sem ensaio e sem nenhum combinado prévio, esse estudante pediu pra “mandar umas rimas” para plateia e o produtor musical, muito sensível, acompanhou o estudante até o palco, deu o microfone e iniciou o *beat*. Este momento foi crucial para a comprovação de como as práticas educativas envolvendo o Hip Hop são para todas as pessoas. O estudante, dentro de suas limitações cognitivas, rimou, acompanhando perfeitamente o ritmo da batida. A plateia foi ao delírio e acolheu o estudante e ele se sentiu à vontade no palco, como um verdadeiro artista.

Houve também a apresentação das alunas inscritas na oficina de *breakdance* (não houve rapazes inscritos para essa oficina). O B-boy Natan, que ministrou as oficinas, fez uma breve fala sobre a importância da dança e das práticas artísticas de movimento corporal para o desenvolvimento humano e em seguida, apresentou um número criado em parceria com as estudantes. Todas as oficinas tiveram esse caráter criação colaborativa.



Esses foram exemplos de como a cultura Hip Hop promove sociabilidades, aumenta a autoestima e desenvolve a criatividade dos/das estudantes em qualquer contexto. Todos/as os/as estudantes que participaram das oficinas se sentiram maravilhados com a possibilidades de vivenciar a cultura Hip Hop no espaço escolar.

Conclusão

A Pedagogia Hip Hop apresenta-se como uma abordagem educacional que utiliza-se dos elementos da cultura Hip Hop no espaço escolar e por isso, sua prática dissemina a ideia de pertencimento, criatividade, bem estar e pensamento crítico. Com a cultura Hip Hop, a Educação Musical potencializa o processo de ensino e aprendizagem musical, de forma orgânica, dinâmica e prazerosa para educadores e estudantes. Um dos entraves para o uso da Pedagogia Hip Hop é a resistência de Instituições, pais/responsáveis e educadores em utilizar a cultura Hip Hop para, por exemplo, ensinar Música, por ser considerada música de periferia, música de menor qualidade ou música imprópria.

Trabalhando com a cultura Hip Hop no espaço escolar há mais de 10 anos, tenho observado que, independente do público (crianças, adolescentes, jovens ou adultos) a aceitação dos/das estudantes é unânime, bem como o encantamento com as possibilidades de produção artística que o Hip Hop propõe. O senso de pertencimento de jovens negros e o reforço de identidades são enfatizados com o repertório, com a corporeidade, com as gírias e com o vestuário. Uma preocupação desde a concepção do projeto era de que o coletivo parceiro fosse composto majoritariamente por pessoas negras. Uma grande preocupação era de que pessoas negras, em sua maioria, compusessem o quadro deicineiros. Mesmo não tendo ainda essa estatística, ousa a dizer que 80% do quadro de estudantes do nosso campus é formado por estudantes negros, assim, a identificação seria notória entre os estudantes e compreenderiam a essência da cultura negra no Hip Hop.

Em nossa reflexão sobre a Pedagogia Hip Hop, consideramos que o trabalho com essa cultura no espaço escolar para crianças e jovens permite o reforço de suas identidades e permite que esses estudantes se coloquem no mundo de forma crítica, pensando a sociedade por diferentes prismas.



Assim como na música, onde diferentes elementos se combinam para criar algo poderoso, a educação baseada no Hip Hop depende da confiança, do amor e da colaboração para construir comunidades de aprendizagem significativas. Nesse caso, as produções que surgiram da colaboração entre estudantes eicineiros são resultado da **confiança** e do diálogo entre esses agentes. Em seguida, **o amor** surge como fundamento, entendido aqui não como um sentimento romântico, mas como um compromisso com o bem-estar coletivo e com a valorização da identidade dos estudantes. Por fim, a **colaboração** aparece como prática indispensável: professores e alunos aprendem juntos, construindo conhecimento de forma horizontal e participativa.

É de suma importância que, para haver a prática da Pedagogia Hip Hop, faz-se necessário que educadores reconheçam o valor cultural dos estudantes e que permitam que suas vozes guiem o processo educativo. Ao invés de impor um currículo estático, nós educadores musicais podemos promover a criação de espaços em que os jovens possam **co-criar conhecimento**, expressando-se através de música, poesia, dança ou narrativas próprias. Tornar efetivamente o estudante o protagonista do seu processo de aprendizagem musical.



Referências

ALLEN, Kelly R. An Overview of Pedagogies and Perspectives on Hip Hop Education. In: *The Bloomsbury Handbook of Hip Hop Pedagogy*. Lauren L.Kelly and; Daren Graves (orgs.) Daren Great Britain: Bloomsbury Academy, 2024. p.63-74.

AMARAL, Mônica; REIS, Rute; SANTOS, Elaine Cristina M.; DIAS, Cristiane. *Culturas Ancestrais e contemporâneas na escola: novas estratégias didáticas para a implementação da Lei 10.639/2003*. São Paulo: Alameda, 2018.

AMARAL, Mônica. *O que o rap diz, a escola contradiz: um estudo sobre a arte de rua e a formação da juventude da periferia de São Paulo*. São Paulo: Alameda, 2016.

ANDRADE, Elaine N. *Rap e Educação, Rap é Educação*. Elaine Nunes (org.). São Paulo: Summus, 1999.

BRASIL. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia: *Concepção e Diretrizes*. Ministério da Educação, Brasília, 2010. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 22 Ag de 2025.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Carin C. O mapa do novo hip hop brasileiro. *Outras palavras*. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/o-mapa-do-novo-hip-hop-brasileiro/> Acesso em: 20 jul. 2025.

HILL, Marc Lamont. *Batidas, rimas e vida escolar: Pedagogia Hip-Hop e as políticas de identidade*. Paola Frandini e Vincinius Puttini (trad.) São Paulo: Vozes, 2014.

IFBA. *Plano Decenal de Arte e Cultura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia para o interstício 2022-2031*. Salvador, 2022. Disponível em: https://portal.ifba.edu.br/proex/servicos/acoes-culturais/documentos/plano_de_arte_e_cultura_do_ifba-consup.pdf

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. *Estudos Avançados*, Universidade de São Paulo, v. 18, n. 50, p. 51-66, apr. 2004. ISSN 1806-9592. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9968/11540> . Acesso em 19 jul. 2025.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Coleção Cultura Negra e Identidades. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.



SILVA, Djenane V.S. *Uma fita de mil grau: o movimento Hip Hop na construção de identidades culturais afrodiáspóricas*. Salvador, 2018. Dissertação de Mestrado em Música. Área de concentração: Educação Musical. Escola de Música. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31908> Acesso em: 20 jul. 2025.

WEI, Ming Tao (Et.al). Pitfalls of hip hop pedagogy: Re-examining and questioning the definition. *National Librabry of Medicine*. 2023. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC10116857/> Acesso em 25 jul. 2025.

